



**O ENTRE-LUGAR: A EXILIÊNCIA EM “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”, DE  
GUIMARÃES ROSA**

***THE IN-BETWEEN PLACE: THE EXILIENCE IN “THE THIRD RIVER”, BY  
GUIMARÃES ROSA***

Profa. Ma. Danielle Gomes Mendes  
Universidade Federal do Maranhão  
daniellegomesmendes@hotmail.com

Gabriel Vidinha Corrêa  
Universidade Federal do Maranhão  
gabriel.vidinha@hotmail.com

Profa. Dra. Maria Aracy Bonfim  
Universidade Federal do Maranhão  
aracybonfim@gmail.com

38

**Resumo:** apreciador das línguas, da Natureza e, principalmente, da experiência vivida do homem nos lugares em que habita, o escritor brasileiro Guimarães Rosa produz em suas obras uma verdadeira “alquimia”, em que poderes literários e linguísticos confluem e enfrentam a palavra, trapaceando a língua e as normas. Suas obras transparecem os conflitos do homem comum, sobretudo, do sertanejo e sua relação com o meio. Em seu conto “A terceira margem do rio”, um homem reclusa-se em uma canoa e passa a viver no rio, habitando em uma terceira margem imaginária que se materializa somente pelo seu ir e vir no meio das águas. A relação existencial desse personagem com a natureza e, essencialmente, em seu exílio no espaço aquático, possibilita uma leitura espacializada da obra. Assim, este trabalho propõe estabelecer um diálogo interdisciplinar entre Literatura e Paisagem, para analisar a condição de *exiliência* do personagem recluso no rio. Para isso aliamos os Estudos Literários aos pressupostos da Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica. Dentre os vários teóricos da teoria literária e da condição do exílio, destacam-se Alfredo Bosi, Eduardo Coutinho, Beth Brait, Alexis Nouss, Ana Paula Coutinho, Edward Said, Luís Alberto Brandão e Miriam Volpe. Quanto aos geógrafos humanistas, evidenciam-se: Eric Dardel, Yi-Fu Tuan e Edward Relph, de quem tomaremos emprestado os conceitos de Espaço, Lugar; Paisagem; Lar; Enraizamento; Exílio; Exiliência.

**Palavras-Chave:** Espaço-Lugar; Exiliência; “A terceira margem do rio”.

**Abstract:** Admirer of languages, nature and, especially, the experience lived by man in the places where he lives, the Brazilian writer Guimarães Rosa produces in his works a true “alchemy”, in which the literary and linguistic powers converge and confront the word, deceiving the language and patterns. His works show the conflicts of the common man, especially of the backcountry and their relationship with the environment. In his tale “The Third Bank of the River”, a man reclus in a canoe and goes to live on the river, living on an imaginary third bank that only materializes when he enters and leaves the middle of the waters. The existential relationship of this character with nature and, essentially, in his exile in the aquatic space, allows a spatial reading of the work. Thus, this article proposes to establish an interdisciplinary dialogue between Literature and Landscape, to analyze the exile of the exiled character



in the river. For this, we will combine Literary Studies with the assumptions of Humanistic Cultural Geography, based on phenomenology. Among the various theorists of literary theory and the condition of exile, stand out Alfredo Bosi, Eduardo Coutinho, Beth Brait, Alexis Nouss, Ana Paula Coutinho, Edward Said, Luis Alberto Brandão and Miriam Volpe. As for the humanist geographers, the following are clear: Eric Dardel, Yi-Fu Tuan, and Edward Relph, from whom we will borrow the concepts of Space, Place; Landscape; Home; Rootedness; Exile; Exilience

**Keywords:** Space-Place. Exilience. “The third bank of the river”.

## 1 Introdução

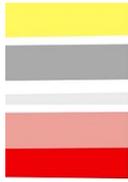
*“Dá-me antes um barco que eu respeite e que possa respeitar-me a mim.” (José Saramago - O conto da ilha desconhecida)*

João Guimarães Rosa entabula em sua literatura uma verdadeira “alquimia”. Nas letras do renomado escritor mineiro, o signo está para além de uma reunião de significados, ou seja, é detentor de um valor estético eminente, “portador de sons e de formas que desvendam, fenomenicamente, as relações íntimas entre o significante e o significado” (BOSI, 2017, p. 458), em razão de seus neologismos, “causos” e profundo cuidado com a forma de suas composições literárias, Guimarães Rosa faz ruir, intencionalmente, as barreiras existentes entre a narrativa e a lírica, e, ainda segundo Bosi (2017), envolve sua escritura nas potencialidades virtuais da linguagem.

Esse profundo apreço do autor pela língua transparece em suas memoráveis obras. O professor e pesquisador Eduardo Coutinho (2006, p. 83) ressalta que o idioma para Rosa “é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanhas de cinzas”. Sob essa perspectiva percebemos o empenho de Rosa em trapacear a norma e revitalizar a língua. Suas narrativas são marcadas de neologismos (criados da confluência entre a língua arcaica e popular), rimas, onomatopeias, metáforas e outros artifícios de expressão poética que enriquecem sua mimese. Conforme comenta Beth Brait (2015, p. 46):

João de Guimarães Rosa, em grande parte de seus textos, expõe [...] tensões, sempre vitais, carregadas das especificidades de uma dada situação, de um dado contexto histórico, cultural, apontando para uma das particularidades da condição humana: entre a vida e a linguagem não há álbi possível.

As obras de Guimarães Rosa foram inovadoras, sobretudo, por transpor as fronteiras da linguagem convencional da prosa modernista brasileira e inaugurar um novo regionalismo que revitaliza o sertanejo e as peculiaridades que envolvem a relação com o seu lugar. É na literatura



rosiana que presenciamos a ruptura de um sertão brasileiro estereotipado, estigmatizado pela miséria e castigado pela seca, tal qual percebemos em Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz.

O sertão de Rosa não se centra apenas nas agruras do homem em razão da paisagem inóspita. Em verdade, são valorizadas as particularidades do sertanejo e do próprio sertão. Apesar de trazer à baila os conflitos do homem com o seu meio e consigo mesmo, o autor atesta a humanidade dessa gente, dignificando a cultura, a identidade e a linguagem do sertanejo brasileiro. Assim, tensões sociais e existenciais, por vezes, são retratadas em seus enredos de forma sensível e bem-humorada, projetando uma relação entre o homem e o meio que, na maioria das vezes, acontece de maneira simpática.

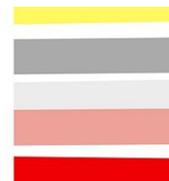
As obras de Guimarães Rosa geralmente são ambientadas no espaço rural, especialmente no sertão brasileiro. A paisagem sertaneja criada por ele se diferencia de autores que o antecedem. Ao contrário de um cenário punido por intempéries, desenha-se aos nossos olhos uma paisagem vital e, em algumas obras, nuances bucólicas. Como podemos perceber por meio do comentário de Paulo Rónai sobre o cenário das narrativas que compõem *Primeiras Estórias*, livro de contos de Guimarães Rosa:

bichos e plantas têm nome e atributos seguros; costumes e hábitos, misteres e fainas revivem na sua autenticidade minuciosa. As cenas enquadram-se na moldura de altos morros e vastos horizontes, amplos rios margeados de brejos, campos extensos de muito pastoreio e escassa lavoura, fazendas enormes [...] forçosamente auto-suficientes que se abastecem a si mesmas de víveres, artigos de primeira necessidade, folguedos, superstições e justiça. (RÓNAI, 2001, p. 26)

As paisagens, geográfica e humana, construídas pelo autor, geralmente fortalecem o misticismo e o folclore sertanejo, resultando assim em um lugar metafísico e metafórico. Os elementos que subsidiam a criação do sertão nas narrativas rosianas são os principais condutores para os conflitos existenciais do homem. Essas questões são extraídas dos aspectos regionais.

Eduardo Portella, citado por Luís Alberto Brandão no artigo “Leitura do espaço rosiano” (2006, p. 346), ressalta que:

Guimarães Rosa restaura para nós a originalidade da mimese aristotélica. A sua literatura não quer ser cópia, nem reprodução da natureza. Nem espelho da natureza, nem segunda natureza. Se nos fosse lícito, afirmaríamos ser ela a terceira natureza. Através da mimese, a arte faz emergir até a plenitude, até o esgotamento, até a purificação, tudo que a natureza, a realidade ou seu dinamismo, se mostram incapazes de objetivar numa obra.



Assim, o realismo do espaço recriado em sua ficção é também extraído dos aspectos regionais. Essa forte característica leva muitos estudiosos de diferentes áreas do conhecimento a apreciarem as obras de Rosa como uma literatura realista descritiva. Entretanto, esse cuidado minucioso do autor com o espaço (re) criado em suas obras pode ser explicado pelo fato de, “no vastíssimo universo do seu privilegiado cérebro, a preocupação geográfica esteve sempre presente” (MONTEIRO, 2010, p. 59) e por revelar-se “desde cedo um amante da Natureza e das línguas” (BOSI, 2017, p. 457). São todos esses recursos que dão o caráter de originalidade à tessitura literária de Guimarães Rosa, temáticas regionais expandindo-se universalmente. Sobre esse aspecto estilístico do autor, Rónai (2001, p. 19) declara:

Fez, em suma, Guimarães Rosa, em relação à linguagem, o que todos os ficcionistas fazem da realidade, sua matéria-prima: desagregam-na e reconstituem-na a seu bel-prazer, tratando as suas parcelas como elementos de mosaico; com pedaços e traços de pessoas vivas constroem as suas personagens; fundindo cenas e acontecimentos registrados pela própria memória, deles tiram episódios e enredos. Com clarividência notável, Antonio Candido define o mundo de Guimarães Rosa como um universo autônomo “composto de realidades expressionais e humanas que se articulam com harmonia, superando por milagre o poderoso lastro de realidade tenazmente observada, que é a sua plataforma”.

41

Podemos perceber tais constatações na obra *Primeiras Estórias*, publicadas em 1946. Os vinte e um contos que a compõem são ambientados em uma região não especificada, mas que remete ao ambiente rural. Os personagens são fazendeiros taciturnos, reticentes quanto ao diálogo e ao convívio familiar, mas profundamente ligados à natureza e aos seus lugares de isolamento.

Os protagonistas das “estórias”, em sua maioria, são crianças e loucos que, em certo momento, surpreendem sua família com alguma atitude súbita que coloca sua sanidade em questionamento. Permeados por questões existenciais e fortes sentimentos como amor, ódio e tristeza, vivem no limiar entre a extrema inteligência e a demência.

Em “A terceira margem do rio”, um dos contos mais conhecidos dessa obra, conhecemos a história de um homem que manda fazer para si uma canoa. A embarcação possui apenas a medida para um único passageiro. É o filho desse homem quem nos conta o que sobreviera a sua família a partir da decisão inusitada do pai. Assim que a canoa ficou pronta, o homem, “sem alegria nem cuidado [...] encalçou o chapéu e decidiu um adeus [...]” (ROSA, 2006, p. 420), abençoou somente um dos três filhos - aquele que pediu para ir junto - e, sem hesitar, mesmo sob os pedidos e ameaça da esposa, partiu em sua canoa.



O pai permanece no rio remando de um lado ao outro, mas sem aportar em nenhuma das duas margens. O filho incumbe-se de não desistir do retorno do pai, levando-lhe todos os dias alimentos e observando-o, ao longo dos anos, de uma das margens. Com o passar do tempo, membro a membro da família abandonam o lugar e constroem as próprias vidas, longe do rio e do pai. Nenhuma resposta foi encontrada para o repente do homem. A família apenas conjecturou por um tempo o motivo: se por doença, promessa ou mesmo loucura, mas depois desistiu de encontrar respostas, silenciando as indagações.

O único que permaneceu ali na antiga casa e refém do exílio do próprio pai foi o filho que sempre estivera aguardando seu retorno. Já velho, um dia decide ir até à margem do rio e gritar ao pai para que trocassem de lugar. Ao perceber o consentimento do velho, o filho desespera-se e foge, tomado pelo medo. Passou, assim, o resto de seus dias inundado pela culpa e comiseração, apenas aguardando a morte e o dia em que seria colocado em uma canoa, rio abaixo.

À luz do exposto, a tessitura de Guimarães Rosa abre possibilidades para uma leitura espacializada do conto “A terceira margem do rio” (2009), uma vez que os conflitos existenciais dos personagens estão profundamente ligados ao espaço em que vivem.

Desta forma, propomos com essa análise um diálogo interdisciplinar entre Literatura e Paisagem, fundamentado, sobretudo, nos pressupostos da Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, a partir de Eric Dardel, Yi-Fu e Edward Relph, de quem tomaremos emprestado os conceitos de Espaço, Lugar, Enraizamento, Lar e Paisagem.

Nesse conto, podemos perceber a escolha de um homem em exilar-se de seu ambiente familiar para refugiar-se em uma canoa no meio do rio, acompanhado somente pelo fluir das águas e pelo eterno silêncio, por isso interessa-nos também nessa análise refletir sobre a geograficidade exílica desse personagem, ou como denomina o termo originado por Alexis Nouss (2016), a condição da *exiliência*, como esclarece sua tradutora Ana Paula Coutinho (2018, p. 184): “condição e consciência de estar fora, de não pertencer a lugar algum”. Aliados às concepções de Nouss, nos valeremos também de outros estudiosos que teorizam o exílio, quais sejam, Edward Said, a própria Ana Paula Coutinho e Miriam Volpe.



## 2 Espaço, lugar e exiliência: faces do mundo vivido

Pertencemos à geografia, não estamos fora e nem além dela; as relações humanas se estabelecem nas raízes da Terra, já dizia Edward Said (2011). A partir dessa assertiva, reflexões são trazidas à tona no que diz respeito às relações que o homem estabelece com a Terra. Empreendemos, assim, uma discussão em torno das experiências vividas pelo homem no Espaço, no Lugar e como esses complexos reverberam no Exílio e, por conseguinte, na condição da Exiliência. Nossa leitura, como dito anteriormente, recorrerá aos estudos da Geografia Humanista Cultural, de abordagem fenomenológica e, ainda, aos trabalhos que envolvam o Exílio. É importante sinalizar também que, devido à subjetividade humana, todos esses conceitos se configuram e reconfiguram a partir da experiência. Nosso objetivo é compreender como a realidade literária de Guimarães Rosa manifesta essas incursões por meio da linguagem, dos personagens e do espaço da narrativa.

Yi-Fu Tuan, renomado geógrafo humanista, elege a experiência para trilhar caminhos por meio do Espaço e do Lugar. Para ele, é pela experiência que conhecemos o mundo e conseguimos dotar de valor o espaço. Em sua obra *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (2013), o autor explana sobre a ideia centrada na experiência: “A experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 2013, p. 17) e, ainda, “[...] implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele.” (TUAN, 2013, p. 18). É, portanto, imprescindível um olhar espacial para significar o exílio e fenômenos que o acompanham.

Além disso, é necessário perspectivar sobre os conceitos de Espaço e Lugar para lançarmos olhares aos exilientes. Diferente da visão que aproxima essas duas palavras como sinônimas, muito mais elas têm a dizer em sua semântica, pois, para Tuan (2013, p. 11):

“Espaço” e “Lugar” são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço. [...] O lugar é segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é o lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria.

Assim, enquanto o espaço é mais abrangente, o lugar é mais restrito e figura segurança e, aqui, entra em cena a experiência, pois predispõe tempo e conhecimento, questões que configuram e elevam o espaço à categoria de lugar, ou seja, o espaço experienciado, familiar e com vínculos afetivos torna-se lugar. Chegamos, pois, a um fenômeno muito importante para a



teoria de Tuan, que busca na fenomenologia de Gaston Bachelard um estudo para desenvolver em seu trabalho o que ele chama de Topofilia, resultado da experiência íntima com o lugar, haja vista que é “um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes se diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão” (TUAN, 2012, p. 135).

Reflitamos sobre como todos esses sentimentos se configuram em relação aos que são expulsos da sua terra ou dos que vivem em reclusão. É possível continuar mantendo laços topofílicos longe de seu lar? É, ainda, possível criar sentimento de pertença em relação ao exílio? Como o exiliente figura os sentimentos que envolvem o espaço e o lugar? São questões que nos fazem refletir sobre a complexidade das relações existenciais que encarnam no homem e no lugar.

Em relação a essa ligação, encontramos no cerne de *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica* (2015), do geógrafo Eric Dardel, uma explicação sobre a cumplicidade existencial que liga o Homem à Terra, por ele denominada “geograficidade”:

Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua *geograficidade* original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue. (DARDEL, 2015, p. 31, grifo do autor)

A geograficidade é, portanto, um sentimento essencial para a existência e destino do homem, pois estamos sempre buscando referências espaciais para viver em bem-estar no mundo, o que inclui, sobretudo, pertencer a algum lugar, estabelecer relação vívida com a Terra, porque, nas predicções de Dardel, é inconcebível ser sem estar.

No tocante ao exílio, diferente da abordagem de Edward Said, que trata o exílio como “fratura incurável entre o ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar [...]” (SAID, 2003, p. 46), Alexis Nouss, em *Pensar o exílio e a migração hoje* (2016), amplia a abordagem do exílio e trata, além das questões negativas, a positividade que também pode encarnar nesse fenômeno, uma vez que o exílio é, sobretudo, uma experiência humana, pois a condição exílica “abala, de facto, categorias humanas fundamentais que têm a ver com o espaço, o tempo e a identidade” (NOUSS, 2016, p. 24).

É interessante observar que a experiência exílica pode estar fundamentada na figura do exiliente: aquele que tem a condição e consciência de estar vivendo alguma forma de exílio



(NOUSS, 2016). No entanto, essa não é uma situação *sine qua non*, haja vista que representa um *ethos*:

Núcleo existencial comum a todas as experiências de sujeitos migrantes, quaisquer que sejam as épocas, as culturas e as circunstâncias que as acolhem ou que as provocam, a exiliência declina-se em condição e consciência, podendo inclusive acontecer que as duas, em graus distintos, não coincidam: pode alguém sentir-se em exílio sem ser concretamente um exilado (consciência sem condição), como alguém pode ser um exilado em concreto, sem contudo sentir-se em exílio (condição sem consciência). (NOUSS, 2016, p. 53)

Mas algo fundamental é compartilhado em todas as situações: os indivíduos vivem de certa forma à margem, seja ela figurada sob a forma da exclusão ou de novas formas de viver. Assim, compartilham a exiliência, “[...] comum a todas experiências de sujeitos migrantes, representa a imagem por excelência da ‘situação de suspensão [suspended situation]’” (NOUSS, 2016, p. 50).

Ana Paula Coutinho<sup>1</sup>, tradutora de Alexis Nouss, no artigo intitulado “Espaços dos que não têm lugar: uma geografia da exiliência”, observa que, para os exilientes, o espaço, a localização e a paisagem “[...] traduzem, por sua vez, uma determinada forma de ver e habitar a Terra” (COUTINHO, 2018, p. 182), o que nos leva a compreender a condição existencial estabelecida entre o homem e o lugar. Haverá, portanto, sempre um devir que seja positivo ou negativo em relação à exiliência, pois a condição de ser expulso ou de não pertencer mais a um lugar condiciona a busca pela estabilidade em outro lugar, o que “[...] atinge camadas profundas de interioridade no indivíduo” (NOUSS, 2016, p. 26), como será visto, posteriormente, no conto de Guimarães Rosa.

É profícuo também trazer à tona os estudos de Miriam Volpe acerca do exílio na sua relação com a arte literária. A autora, em *Geografias de exílio* (2005), conceitua algumas abordagens da experiência exílica, dentre elas, destacamos o “Desexílio”: que se configura na vontade e/ou ato de voltar às raízes, à terra ou casa natal, e o “Insílio”: estado de exilar-se no próprio território e, para além, na própria intimidade.

---

<sup>1</sup> Ana Paula Coutinho é professora associada do Departamento de Estudos Portugueses e Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Esteve no I Encontro Internacional de Paisagem em Literatura – O mundo vivido à margem: geofraficidade, narrativas, deslocamentos – realizado em junho de 2019, na Universidade Federal do Maranhão, evento organizado pelo Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura – GEPLIT/UFMA. Enquanto convidada, proferiu a conferência intitulada “Paisagens da Exiliência: fronteiras reais e suturas imaginárias”.



De posse do arcabouço teórico acerca do fenômeno do espaço e das manifestações do exílio, empreenderemos a análise desse conto que figura como um dos mais renomados da fortuna crítica de Guimarães Rosa.

### 3 A figuração da exilância em “A terceira margem do rio”

O instigante conto “A terceira margem do rio” (2006) é permeado de mistérios e indagações. Somos levados a embarcar com o homem em seu exílio náutico e, por meio da leitura, nos tornamos observadores de uma terceira margem que se materializa pelo incansável ir e vir do homem, que se recusa a voltar para a terra firme.

Tudo o que ficamos a saber sobre sua personalidade é aquilo que o filho – narrador dos acontecimentos – nos revela no início da narrativa:

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa. (ROSA, 2009, p. 420).

46

Essas informações não apontam qualquer característica que justifique a decisão repentina e inexplicável do homem. A narração nos conta que, mesmo diante do questionamento da família e a contragosto da esposa, o homem deu continuidade a sua invenção e se mantinha calado quanto à utilidade daquela inusitada aquisição. Ao chegar o dia de embarcar, o filho rememora:

E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta. Sem alegria e nem cuidado, nosso pai enalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. [...] Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa. (ROSA, 2009, p. 420 - 421).

Nesse momento percebemos a transposição do homem em relação ao seu habitat. Ele deixa para trás seus filhos, sua esposa e sua casa. Essa passagem de um habitat a outro e a relação do homem com esse meio nos impulsionam a refletir sobre a figuração do espaço na referente obra.

É percebido que, logo no início, a narrativa tende a se espacializar, haja vista que a figura da canoa nos remete à movimentação no espaço. Segundo o *Dicionário de símbolos*, o barco representa que “A vida presente também é uma navegação perigosa. Desse ponto de vista,



a imagem da barca é um símbolo de *segurança*. Favorece a travessia da existência, como existências” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p. 123, grifo dos autores), o que muito diz sobre a condição e a percepção desse homem, pois é a canoa um símbolo existencial de suas travessias, física e simbólica, tanto é o veículo que o transporta da terra firme para as águas, quanto passa a ser a fronteira entre aquilo que ele deixou para trás, as margens - sua família, suas posses, sua civilidade – e aquilo que ele passará a ser: imerso na natureza, longe das amarras e transcendente.

Na visão dos outros personagens, a aquisição da embarcação, seguida da decisão de refugiar-se nas águas, denota uma atitude irracional e sem sentido coerente, mas para o homem representa o contrário:

Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. (ROSA, 2009, p. 420).

A atribuição dada ao objeto é semelhante ao que sinaliza o verbete do *Dicionário de símbolos* (2016). Ao escolher com precisão a matéria-prima da canoa, o pai manifesta suas intenções: queria algo seguro e resistente ao tempo, que passasse a ser o seu abrigo, o seu lugar.

47

Tal concepção concatena com o conceito de lugar sustentado por Tuan (2013), para quem o lugar simboliza a segurança devido à sua confluência de experiências e qualidades postuladas. Quando essas características são figuradas de forma fraca, o lugar retorna à categoria de espaço, o que desenraiza o homem e o impele pela busca de um novo lugar. Na situação do pai, esse lugar de existência transfere-se para a canoa a navegar no rio. O rio se torna a extensão da própria vida.

A narração descreve o rio como “[...] grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira” (ROSA, 2009, p. 420). Esse silêncio das águas é a única possibilidade de diálogo disponível ao homem e é por meio dele que se estabelece uma relação intrínseca e existencial:

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. (ROSA, 2006, p. 421).

[...] Enxerguei nosso pai [...] ele no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspendia no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. (ROSA, 2006, p. 421).

[...] descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar a terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitarimente” (ROSA, 2006, p. 421).



Dardel (2011, p. 20-22) comenta que “[...] torrente, riacho ou rio, ele coloca em movimento o espaço. O rio é uma substância que rasteja, que ‘serpenteia’ [...] as águas exercem sobre o homem uma atração que chega à fascinação” e é exatamente dessa maneira que se materializa a interdependência entre o homem da ficção de Guimarães Rosa e o rio. O curso das águas se torna o curso da própria vida do personagem, o rio passa a ser seu lugar de apego, de fascínio e, essencialmente, de sua existência. O espaço telúrico perde seu significado.

Intentamos dizer que aquela casa, fincada em terra firme, junto à família, deixa de despertar no homem o sentimento de pertencimento. Neste caso, transforma-se em um lugar-sem-lugaridade (RELPH, 2015). A casa que, outrora, poderia simbolizar profundas raízes e lugar de segurança, a partir do abandono do pai, configura-se em um insílio, pois, devido às “fissuras culturais, econômicas, e, nos *valores humanos*, que parecem preparar o cenário para o *desafeto*, a clandestinidade, a marginalidade, a acomodação – o insílio, enfim, como cisão dentro de uma cultura” (VOLPE, 2005, p. 81, grifos nossos). É nesse momento que o pai passa a ser a terceira margem do rio, ali onde encontra o seu lugar:

Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beíço e bramou: — “*Cê vai, ocê fique, você nunca volte!*” Nosso pai suspendeu a resposta. [...] Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa. (ROSA, 2009, p. 420, grifos do autor)

É importante destacar que pela linguagem também há uma dimensão espacial de distanciamento, considerando que, na expressão da mãe por meio do pronome “você” e suas variantes: “Cê”, “Ocê” e “Você”, materializa uma mensagem de perda de vínculo, distanciamento, uma vez que Guimarães Rosa, em uma mesma frase, sai de um nível mais informal para um formal e, por intermédio dos imperativos da esposa, o homem aceita seu desligamento, consentindo sem retrucar.

Já estabelecido nas águas do rio, o pai consegue encontrar sua totalidade que poderá refletir no futuro, no seu novo modo de viver, uma vez que habitar é a melhor forma de significar a Terra, pois o rio enquanto “espaço aquático é também o da discricção. Algo reservado e calmo.” (DARDEL, 2015, p. 20) e, portanto, único para ele: “Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais.” (ROSA, 2009, p. 421). Ainda sobre essa questão, podemos pensar que “O destino exílico tece uma



continuidade entre as histórias e as memórias, [...] uma narrativa de vida.” (NOUSS, 2016, p. 31).

É digno observar que o narrador-personagem preocupa-se em toda a narrativa com a condição exiliente do pai, o que o condiciona a mobilizar inúmeras pessoas a intentar contra aquela vontade intempestiva. Tzvetan Todorov, em *O homem desenraizado* (1999), pontua que as situações de exílio sempre figuram um domínio de incompatibilidade, o que reverbera no tempo e no espaço; assim, a mãe:

Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. (ROSA, 2009, p. 421)

Percebemos que na solidão vive o pai, situação incompatível com a visão dos outros personagens. Nesse contexto, a experiência da ausência do pai, com o passar do tempo, começa a naturalizar-se dos aspectos físicos para os domínios da memória:

A gente teve de se acostumar com aquilo. [...] E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. [...] e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória. (ROSA, 2009, p. 422)

Devemos também considerar as intempéries que subjagam o pai exiliente, pois, como afirma Alexis Nouss (2016), é comum a morte, o desaparecimento e acidentes que caracterizam as paisagens da exiliência. Nesse ponto o narrador-personagem demonstra-se preocupado com a condição do pai:

De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos — sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. (ROSA, 2009, p. 422).

Esse sentimento do narrador-personagem é explicado pelo fato de ele conceber a apreciação e a vivência da paisagem de forma diferente do pai. Nesse aspecto Tuan (2012, p. 139) destaca que “O prazer visual da natureza varia em tipo e intensidade, podendo ser um pouco mais do que a aceitação de uma convenção social”, o que ressignifica, portanto, a visão do pai sobre a paisagem do rio, que não chega ser a mesma dos demais personagens, dada a cisão que considera a valorização sob o viés da experiência íntima e individual.



É necessário lembrar ainda que o corpo é uma extensão do lugar, e a exilância vivida pelo pai encarna no seu próprio corpo, influenciado também pelo tempo. A respeito disso, compreendemos que, durante o conto, as questões que embasam a natureza biológica do homem começam a ser cerceadas, uma vez que come pouco, sobretudo: “Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia” (ROSA, 2009, p. 423). Isso porque “[...] O homem, como resultado de sua experiência íntima com o corpo e com as outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo as suas necessidades biológicas e relações sociais” (TUAN, 2013, p. 49). Assim, o fato de o pai não estar em convívio social reflete em como o lugar e sua própria concepção caracterizam o seu corpo, fazendo-o aceitar sua condição de exilante.

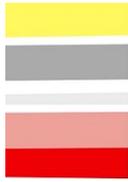
A ausência e a mudança social que a exilância causou, reflete muito sobre como os demais personagens sofrem com a reclusão do pai, o que pode ser notado precisamente no momento em que a filha leva o neto para ser conhecido pelo avô. Todos estão a postos a uma das margens do rio, a chamarem pelo homem, mas os esforços são inúteis:

Vimos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados. (ROSA, 2009, p. 422)

Esse momento é ímpar para o desfecho da narrativa, uma vez que a família, a partir daí, supera aquele lugar e o próprio pai, permanecendo apenas o filho (narrador-personagem) para testemunhar os dias do porvir: “Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. [...] Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto.” (ROSA, 2009, p. 423).

Já idoso, o filho começa a questionar a existência do pai e vai ao rio convocá-lo uma última vez:

Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que meurgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — *Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...* E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo. (ROSA, 2019, p. 423, grifos do autor)



Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. (ROSA, 2019, p. 424)

Percebemos, portanto, a figuração dos momentos finais dessa experiência na passagem acima. O filho, quase acreditando no falecimento do pai, expressa sentimentos sobre sua possível morte, que refletem muito no que Tuan apresenta em *Paisagens do medo* (2005) sobre essa questão, haja vista que no fenômeno da morte há um sentimento simultâneo que materializa uma dialética, quais sejam, ausência e presença; saudade e a distância, assim refletidas nas ações do filho: o desejo de ver/reencontrar o pai e ação de fugir dele. Entretanto, uma visão mais nobre foi a do pai exilente, o que coaduna com as palavras de Dardel (2015, p. 20): “O domínio das águas, inseparável do espaço verde, está do lado da vida”. Para viver, portanto, precisou transfigurar-se na terceira margem do rio.

#### 4 À guisa de conclusão

“Há quem fale,/ Que a vida da gente,/ É um nada no mundo,/ É uma gota, é um tempo,/ Que nem dá um segundo./ Há quem fale,/ Que é um divino,/ Mistério profundo,/ É o sopro do criador,/ Numa atitude repleta de amor”. Tal como a canção de Gonzaguinha, o conto de Guimarães Rosa versa sobre a Vida e as formas de vivê-la, em uma situação que coloca em questão o fenômeno do espaço como forma de manter a existência. O pai que, durante toda a narrativa, escolhe viver em um insílio, demonstra que há modos de viver que partem da sensação de bem-estar que reflete na vida digna que o pai encontra navegando nas águas do rio, muito embora os demais personagens reprovassem a escolha, é preciso, assim, lembrar que o mundo vivido depende da experiência íntima, e apenas o pai pode dotar a realidade de valor.

Resgatando uma leitura do espaço geográfico enraizado também na experiência literária, compreendemos, a partir das noções de Espaço e Lugar, que a experiência exílica é ressignificada, uma vez que esse fenômeno embala a vida do narrador-personagem no “entre-lugar” ou no “se-ir do viver”. Além dessas questões, há também uma conotação alegórica que muito fala sobre a vida e o espaço, pois o rio representa também o batismo de imersão nas águas. Ali, portanto, morre o homem do espaço telúrico e revive um novo homem, que passa a fazer parte do rio, sendo a sua terceira margem.



Por tudo isso, percebemos o quão profícuo foi lançar esse novo olhar sobre a obra de Guimarães Rosa, haja vista que vários mundos abrem-se diante da leitura desse instigante conto. Pelo espaço mergulhamos nas experiências mais valiosas da humanidade, a saber, o encontro do seu lugar no mundo, o que fica muito claro durante toda a narrativa. É, assim, pela experiência literária que encontramos as mais sensíveis formas de viver e ver o mundo, sobretudo, o mundo da linguagem própria que Guimarães Rosa nos presenteia.

### Referências

BOSI, Alfredo. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. 2ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRAIT, Beth. *Literatura e outras linguagens*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

BRANDÃO, Luis Alberto. Leituras do espaço rosiano. *O eixo e a roda: Revista de Literatura Brasileira*. Minas Gerais. v. 12. 2006. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>. Acesso em: 5 de outubro de 2019.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

COUTINHO, Ana Paula. Espaços dos que não têm lugar: uma geografia da exilância. In: COUTINHO, Ana Paula, VILAS-BOAS, Gonçalo; SILVA, Jorge Bastos da; OUTEIRINHO, Maria de Fátima; LAUREL, Maria Hermínia (Orgs). *Espacialidades: revisões do espaço na literatura*. Porto: Editora da Universidade do Porto/Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2018.

COUTINHO, Eduardo. Linguagem e revelação. *O eixo e a roda: Revista de Literatura Brasileira*. Minas Gerais. v. 12. 2006. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>. Acesso em: 5 de outubro de 2019.

DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: a natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

MONTEIRO, Carlos. Augusto de Figueredo. O real e mítico na paisagem de grande sertão. In: MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. *Geografia e Literatura*. Londrina: Eduel, 2010.

NOUSS, Alexis. *Pensar o exílio e a migração hoje*. Trad. Ana Paula Coutinho. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP), 2016.



RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Org). *Qual o espaço do lugar?* geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RÓNAI, Paulo. Os vastos espaços. In: ROSA, Guimarães. *Primeiras estórias*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001.

ROSA, João Guimarães. Primeiras estórias. In: *Ficção completa em dois volumes, volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TODOVOR, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Trad. Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Livia Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005.

**Recebido em: 10 de outubro de 2019.**

**Aprovado em: 01 de dezembro de 2019.**